

unicamente dos casos em que a diversidade da escripta fornece elementos para o estudo da evolução dos phonemas depois de constituida a lingua portugueza.

AS VOGAES

Vogaes simples

A distincção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros seculos da lingua escripta a mesma extensão que hoje tem; mas que *a* fechado existia em port. ant. conclue-se da circumstancia de representar-se ás vezes, em syllaba atona, *a* etymologico pela letra *e*, e outras vezes *e* etymologico pela letra *a*: *ventajem*, *estronomia*, *estrolosia*, *estroso*, *rezom*, *epocalipse*, *fantesia*, *mes* (em Leal Cons. alternando com *mas*), *abobedas*, *tomas de equino* (Leal Cons.), *apistola* (ib. 302), *avangelho* (ib. 302), etc.

A vogal *a* podia enfraquecer-se e desaparecer, como nas combinações *atéqui*, *atélli*, *atégora*, *algüora*, ainda usadas nos sermões de Vieira. *Jele*, *jela* (por *já elle*, *já ella*), encontraveis em J. Ferr. Eufr., pertencem á linguagem popular. *Algorrem* (G. Vic. 1. 257) seria antes *algurem* de *algürem* (algüa rem) á semelhança de *algüora*. *Algo* era pronome absoluto, não se dizia acompanhado de substantivo.

**a* proveniente de *e* é raro, sobretudo em syllaba tonica. Em port. ant. havia a preposição *antre* (inter), usada ainda por varios quinhentistas. Camões e os que aprenderam a sua linguagem restabeleceram a forma *entre*. De *pietativieram* não somente *piiedade* e os respectivos derivados, mas ainda as variantes, *piiedade*, *piadoso*, *apiadar*. Para as formas rhizotonicas firmou-se o uso da vogal *a*; para as restantes oscillam os escriptores (ainda os seiscentistas) entre *a* e *e*. Vieira tem *piadoso* (Serm. 3, 488, 489), *piiedade* (ib. 3, 489).

Desapparece a vogal *e* da preposição *de* ligada a *elle*, *ella* e *o*. Em port. ant. era usual ligar-se do mesmo modo

a particula a outros vocabulos, como *dagua*, *doutro*; mas de Camões em diante pratica-se semelhante elisão com bastante sobriedade.

Abandonou-se de todo a antiga pratica, ainda seguida por alguns chronistas do seculo XVI (Castanheda por exemplo), de eliminar a vogal terminal de outras preposições e combinal-as com o pronome *elle* (*antrelle*, *perantelle*, *parelle* *sobrele*), ou com o demonstrativo (*sobristo*, *sobrisso*).

Perda effectiva de *e* terminal houve em certas formas verbaes (*quiz*, *fez*, *poz*, etc.), como veremos em seu lugar.

Não é proprio da evolução do idioma portuguez, e sin a expressão de mero gosto literario individual, o emprego desenfreado da elisão que se nota nas obras de A. Ferreira. O autor dos Poemas Lusitanos quiz talvez imitar o estilo italiano do poeta Dante ao escrever: *não m'és pai, rompa s'alma, salvas-lh'alma, com que t'ama, t'andassem, se s'art usar, qu'alma já via, que m'ouves qu'o vês*, etc.

u transformado no ditongo *ui* ocorre em *fruito*, *muite mui*, *enxuito*, *ventuira* (F. Lopes, D. J. 227 e passim), *chui* (Corte Imp. 36; 116, tres vezes; F. Lopes D. J. 310), *luit* (Leal Cons. 103), *truitas* (rimando com *fruitas*, Sá de Min 250), *escuitar* (S. Josaph. 13).

Recente e pedantesca, sem fundamento na pronunciam na tradição, é a graphia que põe *e* em lugar de *i* na palavras *igual*, *idade* e respectivos derivados. Topam-se inumeras vezes estes vocabulos, e sempre com a inicial em quaesquer escriptos antigos ou modernos até o seculo XVIII. É a graphia de Filinto Elysio e é a de Herculan

Quanto ao vocabulo *igreja*, a pronuncia primitiva era como se vê pelos textos antigos, *eigleisa*, depois *eigreje*. A syllaba *ei* inicial, sendo atona, mudou-se finalmente em *i*. O vocabulo passou a pronunciar-se *igreja*.

Igreja, com *i*, é escripta usual em port. quinhentista e seiscentista. Assim sempre em Heitor Pinto (2, 214, cinco vezes; 2, 137 passim), em Amador Arrais (468-70 cinco vezes; 502-505, dezoito vezes), em Castanheda (1, 56-57, sei exemplos), em Frei Luiz de Sousa (2, 196-200, nove casos em Antonio Vieira e Bernardes (inumeros exemplos).

A pronuncia de *i* inicial no referido vocabulo documenta-se tambem na linguagem antiga. É *igreia* a lição de D. Duarte, Leal Conselheiro (54, tres exemplos; 111, tres

exemplos; alem disso, nas pag. 70, 103, 114, 115, 119, 121, 129, 138, 195 e 299). Em outras obras antigas adopta-se comtudo a graphia *egreja*. Tal é o caso em S. Graal, em Corte Imperial (ã pag. 138 ha quatro exemplos), em Fernão Lopes, Chronica de D. João (vejam-se as pag. 24, 25, 80, 86, 87 e outras).

Esta dissonancia de representar a palavra com *e* inicial parece explicavel por acudir á mente a escriptura de *ecclesiasticus*, *ecclesia* da lingua em que se celebra a missa. Não se estampando no espirito nem tão viva nem tão pronta a imagem dos etymos de *igual* e *idade*, puderam est'outras dicções ao mesmo tempo escapar da graphia reversiva.

O falar moderno, tomando por norma a linguagem de Camões, poz termo á deslocação de *i*, corrigindo em *-ario* o outrora predilecto *-airo* de *vigairo*, *campanairo*, *sudairo*, *contrairo*, *corsairo*, etc. De *cartairo* (F. Lopes, D. J. 299) ou *cartario* (ib: 6) fez-se *cartorio*.

Restabeleceu-se o prefixo latino em *inflammar* (Leal Cons. 41 a 50: *enframado*), *infamado* (F. Lopes, D. J. 349 e passim: *emfamado*), mas conservou-se *ensinar*, e escreve-se *engenho* por *ingenho*.

VOGAES DUPLICADAS. — Pela medição de versos dos antigos cancioneiros vê-se que *leer*, *creer*, *seer*, *teer* e *veer* eram vocabulos dissyllabicos com accento tonico no segundo *e*. Menos facil é atinar com a pronuncia que teria *aa*, *oo* e *ee* em outras palavras.

O primeiro dado para a solução do problema offerecem aquellãs palavras em que houve aproximação das vogaes pelo desaparecimento de algum phonema intermedio; em segundo lugar estão os vocabulos em que uma das vogaes parece ter vindo em substituição da consoante desaparecida. Mas a occorrença da antiga gemação ultrapassa esse schema; e se os escriptores, ignorantes, como eram, das leis linguisticas, faziam orthographia consultando o ouvido, trata-se de um caso de summo interesse.

A vogal duplicada tanto podia vir em syllaba tonica, como em syllaba atona (*geeral*, *ceeos*, *doo*, *perigoo*, *poboo*, *diaboo*, *door*, *voontade*), com o que se prova que era a sua pronuncia independente da accentuação. A regularidade com que se usava em certos vocabulos, ao mesmo tempo que em

outros nunca se dobrava a vogal, permite admittir em *aa*, *ee*, *oo* pronuncia diversa de *a*, *e*, *o*. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a principio e logo mais forte.

Alem de outros muitos casos, que aqui não enumeramos, é de notar em varias obras antigas o emprego constante da vogal dobrada na terminação *-aaes*, plural de *-al*, em *-ees*, plural de *-el*, e nas vogaes nasaes dos ditongos *-ãao*, *-ãaes*, *-ões* provenientes de formas latinas, em *-anu*, *-ane*, *-one*, e tambem *ũu* nos vocabulos *ũu* (graphado ás vezes *hũu*) e seus compostos, *commũu*, *consũu*.

i, j, y

Se na applicação das letras do alphabeto, feita em port. ant. diversamente do uso hodierno, se consegue descobrir em geral algum systema ou tendencia que projecta luz sobre a pronuncia daquelle tempo, falham em todo o caso os esforços para explanar a notoria confusão que então se fazia com o emprego das letras *i*, *j* e *y*.

Facto admissivel como certo é que naquellas palavras onde hoje escrevemos e pronunciamos *j*, a pronuncia antiga não diversificaria da nossa, embora nas ditas palavras puzessem ora *j* ora *i*, como em *peleja* e *peleia*, *seja* e *seia*, *aja* e *aia*, *junto* e *iunto*, *jaz* e *iaz*. Mas não se percebe o que viria fazer *j* em *ajnda* por *ainda*, nem em *jguaaes* a par de *yguaaes* e *iguuaes*.

Em syllabas atonas, e em geral nos casos onde ao *i* pronunciado rapidamente se seguia outra vogal, como em *speriencia*, *speciall*, *martires*, *proprio*, *giolho*, observa-se de preferencia o emprego de *i*. Onde, pelo contrario, a voz se demorava, ou podia demorar-se, escrevia-se com mais frequencia *y*: *assy*, *sy*, *ryjo*, *todavya*, *hyr*. Isto, comtudo, não era regra que peasse o escriptor ou escrevente. A mesma palavra podia vir em uma frase com *y*, e com *i* na frase seguinte. Assim vemos *guysa* e *guisa*, *bullyr* e *bullir*, etc.

Tambem no principio da palavra podia achar-se *y* como em *ydade* e *yqual*, que outras vezes se escreviam *hidade*, *igual* e *jqual*.

Usualissimo era *y* nos ditongos, sendo esta pratica se

guida ainda por escriptores quinhentistas e seiscentistas. De Heitor Pinto são estes exemplos: *arrayal*, *atolleyro*, *primeyra*, *deyxou*, *cōtrayro*, *desfeyta*, *roseyras*, *foy*, *peyto*, *mayto*, *pregoeyros*, *rey*, *reyno*, alem de muitos outros. Com tudo isto escreviam-se de ordinario com *i* as palavras *mais*, *pois*, *depois*.

A duplicação *ii* occorre em Fernão Lopes em *assiinadas* e a cada passo em *tiinha*, alem de outros vocabulos. O emprego de *ij* em *consijrar* é commum no Leal Conselheiro e outros escriptores antigos.

Vogaes nasaes

As vogaes *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, procedem em geral de vogaes puras que tomaram antecipadamente a nasalidade de *m* ou *n*, desaparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o phenomeno nos monosyllabos *tam*, *quam*, *cum* (*com*), *sum* (*som*), mas não se verifica na maior parte dos vocabulos que na lingua-mãe se escreviam com *m* terminal, porquanto, para taes casos, já nesta lingua se havia dado a redução da pronuncia da consoante final. (Veja-se a este respeito Sommer, Handbuch, §§ 166 e 176, 5).

Vogal nasal proveniente da absorpção de *n* seguido de outra consoante, é facto normal em portuguez, como em outros idiomas romanicos: *cĩco* (*cinco*), *dãsa* (*dança*), *mãso* (*manso*), *pẽsar* (*pensar*), *frãgo* (*frango*), *domĩgo* (*domingo*), *mõje* (*monje*), *trõco* (*tronco*), etc.

A difficuldade sentida em portuguez de articular uma consoante nasal posta no fim do vocabulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. Assim originaram-se de palavras em *n*: *bẽ* (*ben*), *ũ* (*un*), *cã* (*can*), *pã* (*pan*), *opiniõ*, *forõ*, *amã*, *virõ*, *sentirõ*, *recebiã*, etc. Alem do til (que outra cousa não é senão *n* engenhosamente sobreposto á vogal), servia tambem de indicar a vogal alterada o accrescimento de uma das letras *m* ou *n*.

Semelhantes entre si, mórmente se não eram oxytonas, as finaes *-õ* e *-ã* deviam confundir-se ao cabo de certo tempo. Accelerou o processo o juntar-se a *ã* a vogal *o*, dando o ditongo *-ão*. Assim diversificavam em L. de Esopo 27 e

28 *leom* e *leam*, e, entre os quinhentistas, se escreve na mesma linha *estavam* e *tornavão* (H. Pinto 1, 97), *andam* e *andão* (ib. 1, 98), *descobrirão* e *ganharam* (ib. 1, 99), sem contar *virám* (futuro), *choram*, *hiam*, *nam*, *sam* (ib. 1, 256). As duas edições dos *Lusiadas* de 1572 empregam como diferença que mais dá nos olhos, segundo a frase de Epiph. Dias, uma, de preferencia a graphia *-ão*, a outra *-am* tanto nas syllabas atonas como nas tónicas.

Em tempo de Vieira as duas terminações se usavam indifferentemente:

Depois os *seguiram* e *abraçárão...* e se *consagraram* (Serm. 3, 52) — *Ouviram* a palavra de Deos e *guardarãona...* *ouvirão* a palavra de Deos e *guardarãona* (ib. 3, 52) — *Petiçam*, *liçam*, *eleiçam*, *acçam* (ib. 3, 66, 67 e passim) — *Temerám*, *bastarám*, (formas de futuro, ib. 3, 88 e passim) — *Declaração*, *acção* (ib. 3, 134).

Notavel é o desaparecimento da terminação *-om*, usualissima em port. ant. e que se conserva na linguagem moderna, dos quinhentistas em diante, sómente em *bom*, *dom*, *som*, *trom*, *com* e *tom*.

Concorreu para a fusão das primitivas terminações no ditongo *ão* a preexistencia do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de *n* intervocalico: *mão* (mã-o de manu-), *christão* (christã-o de christianu-), *são* (sã-o de sanu-), *vão* (vã-o de vanu-), *chão* (chã-o de planu-), *pagão* (pagã-o de paganu-) e outros. Desta alteração escaparam *anno* e *panno*, vocabulos não menos antigos, certamente em virtude da consoante geminada. Nas formas femininas *christãa*, *pagãa*, *irmãa*, etc. pronunciou-se a principio *ã-g*, isto é, separando a desinencia da nasal thematic.

Vogal nasal proveniente de *n* intervocalico occorre ainda em *lũa* (luna-, port. mod. *lua*), *bõo* (bonu-, port. mod. *bom*). Reducção da nasal á vogal pura observa-se em port. ant. em *meos*, *al de meos*, *meor*, *comeos*, que em port. mod. volveram a: *menos*, *menor*, *comenos*. Manteve-se entretanto *noa* (de nona) na locução *hora de noa*, e *mosteiro* (port. ant. *mõesteiro* de monasteriu-).

Antão, *Fernão* e port. ant. *diamã(o)* e *demom* resultaram respectivamente de *Antonio*, *Fernando*, *diamante* e *demonio*, tendo a pronuncia desprezado a syllaba final ou parte della. Ao mesmo processo se devem as formas *sã(o)* (por

santo) usada antes de nome que comece por consoante, e *grã(o)* por *grande*, de que se serviu Camões varias vezes e que se conservou em *Grão-Pará*, *Grão-Mogol*, etc.

Está á espera de solução o obscuro problema das vogaes que se nasalaram sem terem apoz si *n* ou *m*. O phenomeno é, sobretudo, notavel em *i* terminal, tendo-se dado depois de constituida a lingua portugueza. *Si* (lat. sic), ainda usado nos seculos XVI e XVII, transformou-se em *sim*; *assi*, frequentissimo ainda em Vieira, converteu-se em *assim*. A *rubi* de outrora prefere-se hoje *rubim*. Com o pronome *mi* já em port. ant. poude coexistir a forma *mim*. De *madre* e *multu* vieram respectivamente *mai* e *muito*, nasalando-se mais cedo a tonica do primeiro destes vocabulos.

No extraordinariamente usado *muito*, foi tão tardia a mudança, que o cantor dos *Lusiadas* ainda podia dar-lhe para rima *fruito* e *enxuito*. Não se sabe a data da alteração definitiva, porque em *muito* e *mui* nunca se assignalou — caso unico — a vogal nasal pela escripta. Que em port. ant. se pronunciava a tonica como *u* puro é fora de duvida, porque, em caso contrario, não lhe faltaria o til, signal tão profusamente usado naquella epoca.

Se houve influencia progressiva de *m* inicial, esta acção não foi alem dos vocabulos monosyllabicos terminados em *i*: *mãi*, *mî mûi* e do possessivo *mãa* (minha) por *mia*. Por analogia de *mûi* se passaria a dizer *mûito*. Por effeito do *n* inicial o lat. *nec* teria dado *nem* em portuguez.

Para a forma pronominal *sim*, em lugar de *si*, usada por Damião de Goes (não ocorre em outros escriptores), influuiu em parte o adverbio *sim*, em parte o pronome *mim*.

Explicando-se como tendencia geral os diversos casos de nasalção de *i* tonico no fim das palavras, não se saberá dar a razão da resistencia da vogal nos pronomes *ti* e *si*, assim como em alguns substantivos. Isto sem falar de *i* como terminação verbal.

Uma nasal pode exercer acção sobre outra. Assim, por effeito da nasal interna de *membrar* (de mem(o)rar-), desassimilou-se a consoante inicial, transformando-se o vocabulo primeiro em *nembrar* e finalmente em *lembrar*. Estas duas formas occorrem simultaneamente em port. ant. *Nembrar*, *nenbrança* testificam-se, v. g., em Leal Cons. 7, 11, 15, 76; *lembrar*, *lembrança* na mesma obra, pag. 11, 41, varias vezes.

Outro exemplo de desassimilação regressiva é o da locução *no'mais* por *não mais*. Além do conhecido exemplo camoneano *No'mais, Musa, no'mais, que a lyra tenho destemperada e a voz enrouquecida*, podem-se mencionar:

Mas pague-me vossa mercê o meu aluguer, *no'mais*, que me quero logo ir (G. Vic. 3, 220 e passim) — Estiveram para ho matar. *no'mais* que por ser christão (Castanh. 2, 15) — Avia *no'mais* de hũ anno (ib. 3, 77) — *No'mais* que ho inverno da India (ib.).

Nas contracções *co, cũa* (de *com o, com hũa*), de que ha bastantes exemplos em quinhentistas (veja-se a edição dos *Lusíadas* de Epiphânio Dias), e que ainda hoje se ouvem em boca de lusitanos, deve-se a perda da nasalidade de *com* á rapidez e pouco esforço com que se pronuncia esta palavra atona seguida de artigo, que é outro vocabulo atono.

As formas *enxemplo, enxecuçom, enleger*, frequentes em port. ant., porem abandonadas em port. mod., produziram-se naturalmente por contaminação dos vocabulos formados com o prefixo *en-* (*ensinar, enduzer*, etc.).

Inserção de *i*

As dicções *meio, meia, veio, veia, seio, cheio, cheia, receio, correio* e outras do mesmo genero, que hoje se escrevem com *i* por ouvir-se nellas claramente um som palatal, representavam-se em port. ant. quasi sempre simplesmente com a terminação *-eo, -ea*. Poucas vezes occorrem as graphias *meco, meyo, veyo*, a par de *meo, veo*, etc., nas obras daquelle tempo.

Devia pois a pronuncia do port. ant. differir da moderna; que, a ser identica, não havia motivo para dispensar *i* ou *y* em taes dicções, quando em outras tanto uso e abuso se fazia destas letras.

Ao amortecimento de *n* entre a vogal tonica e a final em *vena-, plenu-* (a linguistica de hoje não permittiria crer em queda subita) seguiu-se de certo a producção de outro phonema compensativo. A evolução fez-se naturalmente deste modo: *vena > vêa > veea > vea*. De sorte que o apparecimento de *i* é posterior.

Quanto ás palavras que tiveram *di* antes da vogal terminal não se pode repudiar a conclusão da existencia de *i* primitivo; pois que teriamos: *mediu < mecio > meio*. O des-

uso da palatal no port. ant. em vocabulos desta especie de ve-se attribuir á influencia da pronuncia de *vea*, *freo*, *cea*, *cheo*, etc.

Foi tal a acção da analogia, que a terminação *-eo* chegou a ser pronunciada como ditongo. Assim, conta-se como uma syllaba *veu* (= *veio* do verbo *vir*) em *Suspirou-se melhor, veu outra gente* (Sá de Mir. 223), e *seo* (= *seio*) rima com *deu* em *E meteo-lhe a mão no seo* (ib. 386). Analogos exemplos de *seo*, *receo*, *veu* occorrem em A. Ferreira.

Camões não se conformou com a pronuncia consagrada pela linguagem litteraria, e ainda menos com a redução das duas vogaes a ditongo. Que, segundo o poeta, se podia e devia pronunciar o *i*, conclue-se dos innumerados exemplos de *creio*, *meio*, *seio*, *cheio*, *feio*, *alheio*, etc., que se encontram nos *Lusiadas*, embora outras vezes as mesmas palavras appareçam graphadas — effeito da lei da inercia — pelo antigo systema. Valia a terminação em todo o caso sempre por duas syllabas.

Autores posteriores a Camões preferiram muitas vezes a graphia tradicional.

Ditongos *oi* e *ou*

O ditongo *oi* procede de fonte diversa da que deu origem ao ditongo *ou*. A subjunctiva *i* representa um antigo *e* nas palavras *boi* (bove) e *sois* (sondes), e reproduz o *i* primitivo em *foi*. Em port. ant. a vogal de syllaba tónica podia attrahir a vogal *i* da syllaba seguinte terminada em *-io*, *-ia*. O ditongo *oi*, proveniente de metathese, observa-se em vocabulos como *coifa* (cofia), *goiva* (gubia), e particularmente na terminação *-oiro* por *-orio*: *Doiro* (Duriu-), *ajudoiro* (a(d)jutoriu-), *agoiro* (a(u)guriu-), *tesoira* (to(n)soria), *sua-doiro* (su(d)atoriu-).

Inconfundivel com esta terminação era *-ouro* procedente do lat. *-auru*. Assim escrevia-se invariavelmente *louro* (lauru-), *ouro* (auru-), *mouro* (mauru-, porem *moiro* de morior), *tesouro* (t(h)esauru-, porem *tesoira* de to(n)soria), *touro* (tauru-). Outros exemplos, alem dos desta especie, mostram que o primitivo ditongo *au*, quer do latim, quer de outra procedencia, deu em port. litterario *ou*, e não *oi*. Basta lembrar:

ou (au(t), *pouco* (pauçu-), *rouco* (raucu-), *outono* (autu(m)nu-), *ouvir* (au(d)ir-), *houve* (*haubi de habui), *soube* (*saubi de sapui), *vou* (*va(d)u de vado), *roupa* (*raubha), etc.

Com o ditongo *ou*, e não *oi*, entraram na linguagem literaria: *outro* (alt(e)ru-), *couce* (calce-), *loução*, *Sousa*, *Vouga*, *moução*, *outorgar*, *couto*, *doutrina*, *noute*, *souto*, *chouto*, *couve*, *choupo*, *rousar*, *açougue*, *azougue*, *açoute*, *mouco*, *amouco*, *louco*, *touca*, *roubar* e outros.

À influencia deste amplo emprego da subjuntiva *u* não puderam escapar os vocabulos que a principio se diziam com a terminação *-oiro*: *Doiro* passou a ser *Douro*, e *moiro* (verbo morior) identificou-se com *mouro* (substantivo). Por outro lado porem gerou-se a par de *noute*, a forma *noite*, que é a usada actualmente; a par de *outo*, *outavo*, *outenta*, *outubro*, vieram a usar-se *oito*, *oitavo*, *oitenta*, *oitubro*, tres dos quaes conseguiram desalojar os antigos competidores. A forma *açoute*, ainda usada em Leal Cons. 276, prefere Vieira *açoite* em Serm. 3, 236 e 446.

Os primeiros exemplos de uso de *oi* por *ou* não são contudo, prova de evolução definitiva. Em Leal Cons. 302 e, entre quinhentistas, em Heitor Pinto 1, 268 e passim lê-se *noite*, *noytes*; mas restabelece a antiga forma *noute* Bernardes em Luz e Calor, 511 e outros passos. Nesta mesma obra de Bernardes encontra-se *outeyro* á pag. 538, como em port. ant. muitas vezes em Chrest. Arch. 53 e em S. Graal, ao passo que *oiteiro* é a lição de Vieira em Serm. 3, 94 e 5, 169-170 (tres vezes), mas *outeiro* 6 vezes em Serm. 5, 404. No poema de Camões ocorre sómente a forma *outeiro*. Assim em Lus. 5, 30; 5, 35; 5, 83; 6, 92; 8, 35; 9, 54; 9, 55 e 9, 57.

Levadas em conta as palavras *oito* (e derivados excepto *outubro*), *noite* e outras, cujo numero em todo o caso não é grande, o uso generalizado do ditongo *ou* perdurou até que no século XIX Castilho Antonio e alguns outros, a quem melhor soava a forma dialectal *oi*, se puzeram a escrever systematicamente *oiro*, *tesoiro*, etc., vezo esse que nunca se apossou de outros escriptores não menos notaveis (e nesta conta está Herculano), como tambem não contaminou a maior parte dos escriptores actuaes, principalmente brasileiros, que preferem conservar-se fieis á tradição.

Note-se que essa tentativa de dialectisação parcial da

linguagem literaria ficou circumscrip̃ta a alguns typos de palavras, deixando sempre illesos da innovaçaõ termos como *outro*, *doutor*, *açougue*, *couve*, etc., nos quaes certa pronuncia regional lusitana usa o ditongo igualmente com a subjuntiva *i*.

Ou por *u* inicial usou-se, durante algum tempo, em *oufano* (Heitor Pinto e outros). *Ou* por *o* inicial escreveu-se outrora em *ouceano*, *ouriente*, *oulá*, *oucioso* e alguns outros vocabulos. *Prouximo* por *proximo* lê-se a miudo em D. Duarte, Leal Conselheiro.

Consoantes geminadas

O emprego das consoantes geminadas *rr* e *ss* no interior das palavras, entre vogaes, funda-se na necessidade de representar pela escripta sons que, sem essa precauçaõ, se confundiriam com outros. Não dispunha o alphabeto commun senão de um symbolo unico tanto para o *r* lene, como para o *r* rolado. A duplicaçãõ da letra no segundo caso foi o engenhoso expediente que occorreu para differençar *carro* de *caro*, *ferro* de *fero*.

Impunha-se igualmente a necessidade de representar de maneira differente *s* surdo e *s* sonoro. Resolveu-se o problema, graphando *rosa*, *caso*, *cousa*, e, de outra parte, *nosso*, *vosso*, *possuir*.

O port. mod. conservou até o presente o mesmo criterio no emprego de *rr* e *ss* intervocalicos. Ao port. ant. pareceu conveniente geminar, alem disso, as consoantes ainda em casos onde *r* é sempre rolado e *s* é sempre surdo, a saber, no principio dos vocabulos e em posiçaõ interna apoz consoante ou vogal nasal. Assim depararam-se nos frequentemente *ssegundo*, *conselho*, *pulsso*, *rreyno*, *rrico*, *rreligiãõ*, *onrra*, *hõrra*, *ssaber*, *sse*, *penssar*, *enssinar*.

Por muito estranha e desnecessaria que nos pareça a geminaçaõ em taes vocabulos, ella tem em parte explicaçaõ razoavel, desde que se leve em conta o antigo systema de escrever.

Os procliticos vinham, de accordo com a pronuncia, frequentemente ligados á palavra seguinte, como *desseu* por *de seu*, *asseu* por *a seu*, *ossexto*, por *o sexto*, *orreyno*,

e os enclíticos uniam-se á palavra precedente, não se recorrendo ainda ao emprego do signal hyphen; de sorte que apparecia *ss* como intervocalico em *devesse* por *deve-se*, *posse* por *pose-se*, *faziasse* por *fazia-se*.

Obscuro é o motivo da geminação *ll* em *apostollo*, *epistolla*, *Paullo*, *capitullo*, *tall*, *mall*, *quall*, *geerall*, etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. As obras latinas que constituíam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocabulos directamente, deviam antes induzir a fazer uso do *l* simples.

Tambem não é nada transparente a causa da geminação, usual por essa epoca, de *ff* em *benefificio*, *benffeitor*, *benffeituria*, *ffe*, *perffia*, *magniffico*, *signiffica* quando ao mesmo tempo se escrevia *benfazer*, *fazer*, etc.

Estas duplicações de *ll* e *ff*, desusadas na linguagem moderna, sem fundamento na etymologia nem na analogia, não se devem attribuir tão pouco ao mero prazer de accumular letras inuteis para dar aos vocabulos aspecto mais elegante. Se dominasse este mau gosto, não haveria motivo para deixar de enfeitar tambem outras palavras da mesma maneira, ou para manifestar-se parcimonia ou abstinencia quanto á duplicação de *p*, *t* e *c*.

Possivel é que com essa curiosa geminação de *ll* e *ff* quizessem os antigos escriptores significar que em alguns vocabulos, ou em algumas occasiões, a vogal junto a *ll* ou *ff* recebia intonação ou icto forte, mas muito rapido.

Fosse este o movel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal systema orthographico a reacção do port. mod., firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na lingua de Cicero e Vergilio. E aónde não podiam chegar os conhecimentos etymologicos, suppria-se, em materia de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o superfluo ao estrictamente bastante, como em *chinello*, *panella*, *janella*, etc.

Presentemente fazem-se tentativas no sentido de simplificar a escripta.

Emprego da letra *h*

Em port. ant. o emprego do *h* inicial não era determinado pela preocupação etymologica. Isto se vê nos documentos publicados na *Chrestomathia Archaica*² de J. J. Nunes e nos *Textos Archaicos*² de Leite de Vasconcellos. No Foral da Guarda encontramos *homêes* a par de *omêes*, *onrrar*, *ospede*. Na historia do Castello Perigoso occorrem *horações*, *honde*, *oras* a par de *homem*, *homrrado*.

Com *h* apparece geralmente escripta a forma verbal *ha*, mas sem *h* *aver*, *ouve*, *avemos*, etc.

D. Duarte, no Leal Conselheiro, falando na duração dos diversos officios da capella, escreve a cada passo *oras* sem *h*. Fernão Lopes grapha, como os seus contemporaneos, *husar*, *husança*, *huniom*, *hi*, *hordenar*, *homde* alternando com *onde*, *hir*, *homrroso* e *dêsomrra*.

Denotaria o *h* inicial o pequeno esforço com que proferiam, ou suppunham proferir, a vogal inicial de alguns vocabulos. Isto resalta sobretudo dos monosyllabos *he*, *hã*, *hi* (ainda hoje *ahi*), nos quaes se respeitou esta escripta ainda muito tempo depois de modernizado o systema orthographico medieval.

O espirito da Renascença, aproximando-se mais do latim, supprimiu *h* em algumas palayras, e restabeleceu-o em outras. Ficaram algumas excepções, como as que acabamos de mencionar, com a dita letra, e sem ella outras que etymologicamente a deveriam ter. Os quinhentistas não se puderam resolver todos a deixar de escrever *aver*, como dantes; e só entre os seiscentistas se começa a generalisar a graphia *haver*.

O *h* interno do possessivo do port. ant. *mha*, tambem escripto *mia* (Testam. do D. Aff. II), e sempre contado como uma syllaba, equivalia ao som *i* pronunciado muito rapidamente, ou talvez como consoante. Igual pronuncia teria o *h* interno de *cambha*, *saibha*.

Permuta de *l* e *r*

Aos antigos incolas de Portugal que adoptaram o falar dos dominadores romanos cram sobremodo estranhos os gru-

pos consonantæes latinos *cl*, *fl*, *pl*. Accommodando-os aos seus hábitos de phonação, substituíram-nos pela chiante surda: *chamar* (clamare), *chave* (clavis), *chamma* (flamma), *cheirar* (flagrare), *Chaves* ([aquas] Flavias); *chão* (planus), *chuva* (pluvia), *chato* (platus), *cheio*, *encher* (plenus, implere), *inchar* (inflare), *chumbo* (plumbum), *chorar* (plorare), *chaga* (plaga), *chantar* (plantar), *choupo* (*plopus*, metathese de *populus*), *chus* (plus).

Não duraria muito a phase da surpresa. Com o descostume do falar indigena e o exercicio da pronuncia na aquisição de novos vocabulos latinos, a difficuldade devia estar vencida mais ou menos na segunda geração. Não se reformou contudo a maneira de proferir certos termos de uso diario (a maior parte dos supra-mencionados), que desde logo se arraigaram, obliterando-se da memoria a sua conexão com as respectivas expressões latinas.

Naquellas palavras que cedo se introduziram em portuguez com os grupos consonantæes latinos, observa-se a frequente troca de *l* por *r*.

Esta permuta, de que resulta tornarem-se *cl* em *cr*, *fl* em *fr*, *pl* em *pr*, estendeu-se a *bl* e *gl*, que alternam respectivamente com *br* e *gr*. Em certos vocabulos, como *prazer*, *dobro*, *regra* (reg(u)la), *nobre* (nob(i)le), *igreja* (ecclesia), a alteração ficou definitiva; em outros não passou de um phenomeno temporario, posto que, para certos casos, perdurasse até o seculo XVII.

A causa da longa vitalidade das formas duplas, conquanto não esteja explicada, deve, todavia, ser de ordem psychologica, e não physiologica. Concorreu a analogia; mas porque se manteve o luxo das formas parallelas? *Praga* e *plaga*, com a mesma significação, se lê em Fernão Lopes, D. J. 279. *Claros*, *clara* no mesmo autor a pags. 2, 3, 345; mas em Sá de Miranda (ed. Mich.), com ser autor bem mais moderno, volta, de vez em quando, a saudade de *craro*. *Planta* occorre em Corte Imperial 36; o quinhentista Heitor Pinto usa frequentemente *prantar*, mas tambem *plantas* 1, 32. Notavel predilecção se manifesta em port. ant. por *simprez*, *pubrico*, *freyma*, *enframado*, *Ingraterra*, *ingres*.

Tenaz é a permanencia de *ingres* ou *ingrez*. Quando em tantas outras palavras se havia restituído definitivamente o etymologico *l*, Vieira ainda lhe presta homenagem na de-

dicatória que serve de prefacio a um dos volumes dos seus sermões (*ingrezes* 11, IV, *ingreza* ib. 11, IV). As duas edições dos *Lusiadas* de 1572, além do pelicano com o bico para a direita em uma, e com o bico para a esquerda em outra, e pequenas variações de texto, differençam-se ainda, preferindo uma o *ingles* com *l*, a outra o *ingres* com *r*.

Da antiga linguagem persistem em ambas as primeiras edições do poema camoneano: *frauta*, *sembrante*, *Frandes*, *pubrico*, *pranta*, *pruma*.

A duvida sobre a maneira de proferir os grupos consonantaes, em que o segundo phonema era etymologicamente um *l*, influiu regressivamente em certas palavras com *r* etymologico. Exemplos disto são *descliçom* (= *descriçom*) (Leal Cons. 13, 15); *complazer* (ib. 13).

Troca de *l* intervocalico por *r* é phenomeno raro; em *clclugos* (menos frequente do que *clerigos*) (Leal Cons. 16), *pirollas* (= pilulas) (ib. 66 e 334), *priol* (prior) e *cellorgiães* (= *cirurgiães*) influiu a presença de *l* ou *r* em syllaba proxima. São casos de assimilação (ou dissimilação) ora progressiva, ora regressiva.

Em Corte Imperial 46, occorrem abundantes exemplos de *plular*, *plularidade*, em que é visivel a acção da analogia de *singular*, *singularidade*. Seriam vocabulos de pronuncia difficil; um tanto melhor era *plurar*, preferido mais tarde por Vieira (Serm. 9, 115; 2, 283 e passim). A uma e outra forma avanta-se o hodierno *plural*, de accordo com o latim, por alternarem regularmente as consoantes *l* e *r*.

A repetição de *r* evitou-se ás vezes, omitindo o som na syllaba atona. Temos *prostar* (por *prostrar*) em Vieira, Serm. 6, 636; 7, 494 e passim; porem *Frandes* em Cam., Lus.; *rosto* em Cam., Lus. e frequentissimo em Vieira 6, 319 e 334; 7, 282 e passim, ainda que *rostro* reapareça, alternando com *rosto*, em Bern. L. e C. 447 e N. Flor 2, 132; *terrestes* (para que teria concorrido *celestes*) em Vieira, Serm. 8, 437 e 438. Hoje preferimos *rasto* a *rastro*; mas conservamos *lastro* e dizemos *mastro*, apesar de *masto* em Barros, Dec. 1, 1, 13. Vieira tem *masto* (Serm. 9, 332) e *mastro* (ib. 7, 157).

Frequente em port. ant. era a metathese de *r*, procurando este som a contiguidade de outra consoante (principalmente *c*, *t*, *p* e *f*): *Fremoso*, *fremosura*, *afremosentado*

(S. Josaph. 27 e F. Lopes, D. J. 2, 2, 3, 3); *Crasto* (Castro). Restos deste processo são *preverter*, *trocer*, *retrocer* (Mello, Ap. Dial. 149 e diversos passos dos Serm. de Vieira); *graganta* (Arr. 10).

A estas troças de lugar, aliadas á possibilidade de se substituir um phonema a outro, devem-se as variantes *ffiglesia*, *ffijgrisia*, *ffiglesia*, *ffriglesia* e *flijgisy* dos titulos gallegos de venda e emprazamento reproduzidos por Leite de Vasconcellos em seu livro *Textos Archaicos*. A unica cousa que não apparece em meio de tanta variedade é a palavra *freguesia*.

Accrescentem-se a estes exemplos de permuta *competra* (Leal Cons. 301, 3 vezes) por *compreta* = completa, *entrepetar* = interpretar (ib. 306).

Influencia dos encliticos

Escreviam-se outrora os encliticos unindo-os, sem separação alguma, á palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta pratica ainda em tempo de Vieira e Bernardes. Aqui servir-nos-emos do hyphen de maneira tal, que se possa apreciar a acção phonetica do vocabulo atono.

O enclítico *lo*, cujo emprego tem lugar junto ás terminações verbaes em consoante (*r*, *s* ou *z*), ou junto aos pronomes *nos*, *vos*, apparece desde os mais antigos tempos da lingua portugueza com effeito reductivo sobre a consoante precedente. As consoantes terminaes assimilam-se primeiro ao *l* do enclítico, resultando d'ahi: *nol-lo* por *nos-lo*, *vol-lo* por *vos-lo*, *amal-lo* por *amar-lo*, *dail-lo* por *dais-lo*, *destel-lo* por *destes-lo*, *fal-lo* por *faz-lo*. Mas o phonema geminado reduziu-se, finalmente, a *l* simples.

Nas mesmas condições empregou a linguagem popular — e esta pratica perdura ainda em alguns falares regionaes de Portugal — a palavra *lo* como artigo, em razão de poder o artigo, na pronuncia rapida, passar de proclítico do substantivo a enclítico de alguma palavra precedente.

Não teve a gente culta, entretanto, tal cousa por bastante elegante ou melodiosa para aceitar-a geralmente na linguagem litteraria. Admittiu a junção com certas preposições, como *pel-lo*, *pol-lo*, mas usou ainda por bastante tempo *per*, *por* seguido de *o*, e tolerou em concomitancia com *am-*

bes os e todos os, ambol-los e todol-los, mas acabou por desprezar est'outras formas do seculo XVII em diante. Dicções como *Joanna e mai-lo* (= mais o) *marido* foram sempre consideradas plebeismos. Em D. Duarte (Ens. de Cav. 88), occorre *desvialla a cabeça* e (ib. 34, 90) *trallas ancas* por *desviar a cabeça, trás as ancas*. (Confronte-se *Tralos montes* por *Trás os montes*).

Em seguimento á palavra *pois* usa-se em geral o pronome accusativo sob a forma *o*; ha todavia alguns exemplos de *lo*, com effeito reductivo sobre a consoante *s*:

Poi-la podedes veer (Canc. Din. 32) — E *poi-la* fez das melhores melhor (ib. 39) — Não hahi que debater *poilo* affirma o mesmo sam Jeronymo (H. Pinto 1, 29).

Casos sporadicos de regeneração da primitiva linguagem, sem influencia no falar usual, são:

Fosteslo apazar a certas horas (F. Lopes D. J. 72) — *Vão de-posta* perfeiçom dalgũas virtudes (Ecal Cons. 104) — Devemos *crecerlos* [artigo] outros apròvados per a sancta igreja (ib. 121).

Ás terminações verbaes em vogal nasal ou ditongo nasal ajunta-se, como accusativo enclítico do pronome da 3.^a pessoa, a forma *o*; mas com este enclítico revive o antigo phonema *n*. Assim em port. ant. *comyãnos, rreceberõno, levarõno*, que hoje se grapham *comiam-nos, receberam-no, levaram-no*. E semelhantemente: *tem-no, fazem-no* por *tẽno, fuzẽno*.

O mesmo enclítico *o* ajunta-se tambem ás terminações verbaes em vogal pura, ou em ditongo puro, e neste caso conservam-se inalteradas as terminações. Devem-se attribuir á influencia dialectal alguns casos de suppressão da subjuntiva do ditongo tanto antes do enclítico *o*, como antes de outros enclíticos:

Cerceou-a e vesti'-lhe [= *vestiu-lhe*] *o aveto* (S. Am. 514) — *E el beenzeos* [benzeo-os] (ib. 511, 513), mas: *e elle beenzeoa* (ib. 515, bis) — *Vi'-os hũu minholo... e comê'-os ambos* (L. de Esopo 11) — *Matou-ho e comê'-o* (ib. 10) — *Sai'-sse* [= *saiu-se*] *do paaço do infante* (S. Josaph. 25).

As formas pronominaes *me, te, lhe* seguidas do pronome *o, a, os, as* combinam-se em *m'o, t'o, lh'o*. É linguagem usada já nos antigos textos. Remonta igualmente á

epoca destes textos a supressão da vogal *e* na preposição *de* combinada com artigo definido (*do, da, dos, das* por *de o, de a* etc.).

Regido da particula *em*, o artigo definido soffre modificação por influencia da nasalidade da particula. Em port. ant. até o seculo XIV inclusive encontramos geralmente *ẽ no, ẽ na*, alternando com a graphia *em no, em na*: *mortas ẽno mar* (S. Am. 508); *em na sancta igreja* (ib); *andam ẽ nas teebras* (ib. 509); *em na regra* (Frad. Men. 44); *em no caminho* (ib. 45). A par de *ẽ no, ẽ na*, occorre, ainda que com menos frequencia, a simples forma *no, na*: *deus no mũdo quis dar* (S. Am. 508); *estava no parayso* (ib. 512).

O elemento preposicional *em* acabou todavia por obliterar-se, ficando o sentimento de que *no, na*, usado, diversamente de *o, a*, em frases de sentido locativo, equivaleria á contracção da particula com o artigo. E.é assim que ainda hoje costumamos analysar.

O uso regular de *no, na* por *em no, em na*, apparece no livro de Esopo e accentua-se depois na linguagem do seculo XV. Encontramos a nova dicção, a cada passo, em Fernão Lopes e em D. Duarte. Deve-se attribuir á tendencia archaisante a preferencia dada á dicção antiga no Livro da Virtuosa Bemfeitoria, composto pelo irmão de D. Duarte. Do seculo XVI em diante usa-se geralmente *no, na*.

A preposição *a* combina-se com o artigo definido, dando para o masculino *ao, aos*, ou, em linguagem popular de Portugal, *ó, ós*, e para o feminino *á, ás*. A forma *ó, ós* foi aceita por alguns escriptores quinhentistas. A graphia *aa, aas*, usada outrora para o feminino, correspondeu a principio á pronuncia de duas vogaes; continuou, todavia, a usar-se durante algum tempo, quando a combinação da particula com o artigo feminino já soava como uma só vogal aberta.

As sibilantes *s* e *z*

Em port. ant. havia dous phonemas parecidos, porém não identicos, representados um por *s* ou *ss*, e outro por *ç*

ou *c*; [a cedilha*]), usada antes de qualquer vogal acabou por ser dispensada antes de *e* e *i*). Nos vocabulos de origem latina, coincide o uso de *s* com o desta letra em latim e o de *ç* ou *c* corresponde a *e* ou *li* da lingua-mãe. Mas nem por isso poderíamos attribuir a diversidade da escripta a motivo de etymologia. A reminiscencia do latim teria influido, porem em medida assaz limitada. Os antigos escriptores não tinham preocupação etymologica e, se a tivessem, a falta de preparo philologico os levaria a aberrações que todavia não lhes notamos.

É singular que vocabulos como *çocobrar*, *açucar*, *çapato*, *çujo*, *çarça* e outros que não têm que ver com a evolução phonetica latina, se escrevessem geralmente com *ç*. Quando o termo era tomado a idioma estrangeiro, nem sempre a pronuncia seria tal que não houvesse lugar para o emprego da letra *s*. Verdade é que nos nomes buscados á Asia e Africa nos seculos XV e XVI a duvida apparecia: *Massuá* ou *Maçuá*, *çamorim* e *samorim*, *Çocotorá* e *Socotorá*, *Cingapura* e *Singapura*, *Çamatra* e *Samatra*, como deixei documentado no livro «Dificuldades da Lingua Portugueza»», pags. 284-286.

Qualquer que fosse a causa da primitiva distincção entre as referidas letras, certo é que *s* ou *ss* (entre vogaes), *ç* ou *c* (antes de *e* ou *i*) representam, em port. mod., um só phonema, a sibilante surda, decidindo-se a escripta pela etymologia, quando esta é facil de apurar. Este criterio fez que o erudito se viesse substituir o antigo *c* em palavras como *crescer* por *crecer*, *descer* por *decer*. Por desconhecimento da etymologia e influencia analogica de outros vocabulos deixou-se de graphar *pessego* e *sossego* (ainda usados no seculo XVI) para escrever *pecego* e *socego*.

Não se percebendo a razão do excepcionalissimo *ç* inicial, quando a cada instante se escreviam palavras começadas por *s*, passou-se a escrever tambem com esta letra *sapato*, *sarça*, *sujo*, etc. Mudou-se ainda *açucar* em *assucar* talvez por influencia do francez *sucré**).

*) O signal a que chamamos cedilha resulta de um pequeno *z* e collocava-se entre a consoante e a vogal sempre que se empregava *C* maiusculo, tomando depois a forma simplificada de virgula: *Cingapura*; *Candi*; *Cocolorá*, etc.

*) A palavra *assucar* vem do arabe *as-sukar* (as alteração do artigo *al*), e não do latim *saccharum* ou grego *ζάχαρον*.

Mas não é sómente a actual sibilante surda que se vê embaraçada diante de tanto symbolo apto para representá-la no papel; igual sorte toca á sibilante sonora entre vogaes, ou em certas terminações em face das letras *s* e *z*.

Inconfundiveis foram a principio os valores de *s* e *z* entre vogaes e no fim das palavras, e o que a escripta distinguia era o que o ouvido então percebia. Este facto pode observar-se na graphia dos nomes patronymicos. Até fins do seculo XIV escreveram-se sempre com *-iz*, *-ez*: *Pirez*, *Fernandiz*, *Fernandez*, *Vaasquez*, *Alvarez*, etc. Do seculo XV em diante occorrem já *Vaasques*, *Gonçalves* a par de *Vaasquez*, *Gonsalvez*; o que quer dizer que já não havia distincção phonetica entre *-ez* e *-es*, mantendo-se a primeira forma sómente pela força do habito.

Outra particularidade da graphia antiga, que perdurou ainda entre os quinhentistas, era o emprêgo da letra *z* no interior das palavras, antes de consoante, como em *mezquita*, *mezquinho*, *mazcara*, *almizcar*, *tiznar*, *esquerdo*. Se *z* tinha em geral o valor de consoante sonora, hypothese muito aceitavel, em se tratando da sua situação antes de vogal e antes de consoante sonora, evidentemente havia de soar como phonema surdo se lhe seguia consoante surda.

Nas Decadas de Barros, nos Lusíadas e em outras obras publicadas no seculo XVI, nota-se, quanto á graphia de vocabulos já existentes no idioma, a distincção entre *s* e *z* feita em geral com a regularidade observada nos escriptos de epochas anteriores. Devemos attribuir o facto em parte á tradição orthographica, bem como á influencia do hespanhol. Barros, Camões e outros eram muito lidos em obras antigas e versavam o hespanhol como a propria lingua materna.

A falta ou inefficacia desse freio conservador fez com que em livros sahidos a lume não muito tempo depois dos Lusíadas (1572), viesse notoriamente confundido o emprego de *s* e *z*. Não é de crer que a causa fosse a identificação rapida, para não dizer subita, de dous phonemas rigorosamente differencados até então, e desde longo tempo, tanto na escripta como na pronuncia.

Da edição de 1604, feita em Coimbra, na officina de Diogo Gomez Loureyro, impressor da Universidade, dos